

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miraniilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de
Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-789-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.892212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO 2**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos e estudos sobre leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia, enunciação, encenação discursiva, aquisição, linguagem, polidez linguística, multimodalidade textual, sociolinguística, direitos linguísticos, minorias, variação linguística, preposição e língua indígena.

São verificadas, em estudos sobre leitura e ensino, contribuições que versam para conteúdos como perspectiva dialógica, intersubjetividade, currículo, formação de professores, multiculturalismo, ensino híbrido, ensino de espanhol, aprendizagem de crianças e síndrome de down.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REGNA BRASILLICA: CONTEXTO DA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595) DE S. JOSÉ DE ANCHIETA, SJ (1534-1597)

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120121>

CAPÍTULO 2..... 9

ENTRE PASSADO E PRESENTE: ANÁLISE REFLEXIVA DA OBRA “RUMOS DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: HISTORIOGRAFIA, GRAMÁTICA E ENSINO”

Walter Duarte Monteiro Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120122>

CAPÍTULO 3..... 14

ENUNCIÇÃO E ENCENAÇÃO DISCURSIVA NA ENTREVISTA DE FERNANDO HADDAD NAS ELEIÇÕES DE 2018

Aline Priscila Maciel de Moraes

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120123>

CAPÍTULO 4..... 28


A RELEVÂNCIA DO CRIAR COMO UM DIFERENCIAL PARA A AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Elizabeth Matilda Oliveira Williams

Moniki Aguiar Mozzer Denucci

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Leonard Barreto Moreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120124>

CAPÍTULO 5..... 41

POLIDEZ LINGUÍSTICA EM RESPOSTAS A ELOGIOS NO FACEBOOK

Anáira Ramos Gomes

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120125>

CAPÍTULO 6..... 60

MULTIMODALIDADE TEXTUAL: UM AVANÇO SOCIOLINGUÍSTICO NO PROCESSO COMUNICATIVO DIGITAL COM O USO DE *EMOJIS*, *GIFS* E FIGURINHAS

Alex Sandro Peixoto Medeiros


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120126>

CAPÍTULO 7..... 82

O DISCURSO EM LIBRAS: LÓCUS DE SIGNIFICADOS SOCIOESTILÍSTICOS

Aleilde Tavares da Silva


Zanado Pavão Sousa Mesquita
Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120127>

CAPÍTULO 8..... 96

LANGUAGE RIGHTS AND LINGUISTIC MINORITIES IN CENTRAL AND WESTERN BALKANS

Daniela-Carmen Stoica


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120128>

CAPÍTULO 9..... 107

A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO EM PESQUISAS VARIACIONISTAS DE FALA ESLAVA

Luciane Trennephol da Costa

Letícia Michalowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120129>

CAPÍTULO 10..... 119

TRANSFERÊNCIA DO USO DA PREPOSIÇÃO “DESDE” POR APRENDENTES HISPANOFALANTES

Maria Gessy Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201210>

CAPÍTULO 11..... 134

EL RESCATE DE LA LENGUA UCHUMATAQU DE IRUHITO URUS A PARTIR DE LOS SABERES DE LOS SABIOS INDIGENAS

María Sandra Esther Vedia Garay

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201211>

CAPÍTULO 12..... 145

A LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA


Renata Faria Amaro da Silva da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201212>

CAPÍTULO 13..... 155

UMA PROPOSTA DE LEITURA COMO PROCESSO DE INTERSUBJETIVIDADE


José Luiz Marques






 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201213>

CAPÍTULO 14..... 164

CURRÍCULO EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lucimar Araujo Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201214>

CAPÍTULO 15	174
O MULTICULTURALISMO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Rodrigo Augusto Kovalski	
Sérgio de Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201215	
CAPÍTULO 16	187
EXPERIMENTAÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO HÍBRIDO BUSCANDO A INSERÇÃO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Thainá de Deus Lima	
Vilmar do Nascimento Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201216	
CAPÍTULO 17	197
ANDAIMENTO COM DICIONÁRIOS NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA	
Laura Campos de Borba	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201217	
CAPÍTULO 18	211
O ENSINO DE ESPANHOL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR PARA A ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE	
Daniele Oliveira André Magalhães	
Joseane de Souza Cortez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201218	
CAPÍTULO 19	218
INFLUÊNCIA DOS ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: RELATO DE CASO	
Regina Célia Roela	
Francinéia Aparecida Freitas da Silva	
Thaisa Fernanda Queiroz de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201219	
SOBRE O ORGANIZADOR	230
ÍNDICE REMISSIVO	231

CAPÍTULO 12

A LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA

Data de aceite: 01/11/2021

Data da submissão: 05/09/2021

Renata Faria Amaro da Silva da Rosa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul
Porto Alegre – RS

<http://lattes.cnpq.br/1496261047929789>

RESUMO: A teoria dialógica do Círculo de Bakhtin define a linguagem como objeto de estudo da linguística, considerando que o locutor faz uso da língua para suas necessidades enunciativas concretas. Para Bakhtin, a comunicação dá-se através da interação verbal entre os interlocutores que, socialmente organizados, dão sentido ao discurso através de sua compreensão ativa responsiva. Tendo em vista que a relação dialógica pode se dar através do diálogo em voz alta, entre pessoas colocadas face a face, ou por qualquer outra forma de comunicação verbal, é possível considerar a leitura uma forma de interação discursiva? Partindo dessa questão, com base em referenciais teóricos, este artigo propõe uma reflexão sobre a relação dialógica através da comunicação escrita. Isso porque se entende que ler é um ato de interação discursiva na medida em que o leitor/ouvinte coparticipa da construção do texto escrito por meio de sua responsividade, a qual representa um elo na corrente ininterrupta da comunicação sociocultural. Em face desta perspectiva, entende-se que o leitor/ouvinte não é um sujeito

passivo, que apenas recebe a mensagem, como é definido por algumas teorias linguísticas, porém é um interlocutor, cuja resposta ativa é carregada de valoração.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Interação discursiva. Responsividade. Texto.

READING FROM THE BAKHTINIAN DIALOGICAL PERSPECTIVE: A FORM OF DISCURSIVE INTERACTION

ABSTRACT: The Bakhtin Circle's dialogic theory defines language as an object of study in linguistics, considering that the speaker makes use of language for his concrete enunciative needs. For Bakhtin, communication takes place through verbal interaction between interlocutors who, socially organized, give meaning to the discourse through their active responsive comprehension. Considering that the dialogical relationship can take place through dialogue aloud, between people placed face to face, or through any other form of verbal communication, is it possible to consider reading a form of discursive interaction? Starting from this question, based on theoretical references, this article proposes a reflection on the dialogical relationship through written communication. This is because it is understood that reading is an act of discursive interaction as the reader/listener participates in the construction of the written text through their responsiveness, which represents a link in the uninterrupted chain of sociocultural communication. In view of this perspective, it is understood that the reader/listener is not a passive subject, who only receives the message,

as defined by some linguistic theories, but an interlocutor, whose active response is loaded with valuation.

KEYWORDS: Dialogism. Discursive interaction. Responsiveness. Text.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação dialógica através da comunicação escrita, tendo em vista que ler é uma forma de interação discursiva. Fundamentado pela teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, entende-se que o leitor/ouvinte é um interlocutor que compreende e participa ativamente do texto, muito distante da visão do sujeito que somente recebe a mensagem pronta.

A teoria dialógica bakhtiniana, ao situar o discurso no centro dos estudos linguísticos, traz uma nova visão sobre o uso da linguagem, reconhecendo a importância da participação tanto do locutor quanto do interlocutor no processo de interação verbal. Bakhtin entende que a linguagem dá-se por meio de uma situação enunciativa concreta e irrepitível, cujo sentido é constituído em colaboração por ambos os participantes. O locutor projeta um auditório social ao organizar o seu discurso, seleciona os elementos linguísticos, com o intuito de alcançar uma finalidade, uma resposta do interlocutor. Em contrapartida, o interlocutor participa do discurso ao demonstrar uma atitude ativa responsiva, quer seja verbal ou gestual, quer seja instantânea ou retardada, colaborando na construção do sentido da enunciação.

Com base no dialogismo, essa enunciação representa um elo na permanente corrente da comunicação sociocultural, uma vez que se constitui de outras vozes sociais, representando uma réplica a discursos já ditos. O dialogismo remete à ideia de diálogo que, na visão bakhtiniana, traz uma indicação de acordo ou desacordo, um complexo de forças ideológicas que compõem a dinâmica do processo de interação social. Acerca disso, Volóchinov (2017) explica que o diálogo, no sentido estrito do termo, é uma das formas mais importantes de interação verbal, porém o diálogo, em seu amplo sentido, não é somente a comunicação em voz alta entre pessoas situadas face a face, mas também é toda e qualquer forma de comunicação verbal.

Sob essa perspectiva, destaca-se o ato de leitura do texto escrito como uma das formas de comunicação verbal, tendo em vista que o texto estabelece uma relação comunicativa entre sujeitos. Para Bakhtin (2016), o texto, seja oral ou escrito, é constituído por dois polos. Um polo é representado pelo sistema da linguagem de signos universalmente aceitos, correspondendo à parte do texto que pode ser repetida e reproduzida, ou seja, a oração. E o outro polo é a parte individual, única e irrepitível do texto, onde se encontra o seu sentido, ou seja, o enunciado.

Nesse sentido, pode ser reconhecido o caráter dialógico da leitura, já que o texto escrito é um discurso formado por enunciados que estabelecem relação com outros

enunciados. Sendo assim, a compreensão do leitor/ouvinte também é dialógica, envolvendo responsividade e valoração.

Fundamentado em referenciais teóricos, o trabalho aborda aspectos referentes ao conceito de dialogismo e à construção intersubjetiva do discurso. Também propõe uma discussão sobre papel do leitor/ouvinte como interlocutor ativo na construção do sentido do texto escrito. Após o exposto, espera-se ter contribuído para um melhor entendimento sobre o sentido de leitura na concepção dialógica de linguagem.

2 | A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

A teoria bakhtiniana apresenta a enunciação como referência na construção do sentido dos fenômenos linguísticos, de modo que sua proposta de análise parte da concepção dialógica de linguagem. Nessa perspectiva, a língua é de natureza social. Seu uso dá-se em forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, pelos sujeitos socialmente situados, de modo que os enunciados apresentam condições específicas e finalidades de cada esfera da comunicação discursiva.

A concepção dialógica que norteia os estudos do Círculo de Bakhtin tem origem no modo como ele entende a relação entre o homem e a vida, remetendo à ideia de *alteridade*. Em *Estética da criação verbal* (2011), Bakhtin explica a definição de alteridade ao dizer que o *outro* é imprescindível para a existência do *eu*, de modo que o ser humano não existe fora das relações que o ligam ao outro. A vida é dialógica por natureza. Logo, o sujeito se constitui por meio das relações dialógicas, e a linguagem também “têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal” (SOBRAL, 2009, p. 32).

O *dialogismo* remete à ideia de *diálogo*, todavia ambas as palavras diferem quanto ao sentido. De acordo com Faraco (2009), Bakhtin adotou a metáfora *diálogo* para caracterizar o encontro sociocultural de vozes e a dinâmica que se estabelece no ambiente de um enunciado. Trata-se de um universo da cultura que é “intrinsecamente responsivo, movendo-se como se fosse um grande diálogo” (FARACO, 2009, p. 59). Desse modo, as relações dialógicas não podem ser confundidas com relações de réplicas do diálogo concreto, uma vez que o que interessa para os estudos bakhtinianos é a “confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2009, P. 62). Já a definição de diálogo, no sentido estrito do termo, consiste em “um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo *dialogismo*, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva” (SOBRAL, 2009, p. 34-35).

Considerando a dialogicidade do discurso, nota-se que o sujeito sempre orienta o seu dizer ao já dito, mobilizado pelo que Faraco chama de “memória discursiva” (FARACO, 2009, P. 59). A respeito disso, Bakhtin diz que

todo discurso da prova extraliterária _ discurso do dia a dia, o retórico, o científico _ não pode deixar de orientar-se 'dentro do que já foi dito', 'do conhecido', 'da opinião geral', etc. A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. [...] Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto (BAKHTIN, 2015, p.51, grifo do autor).

Uma vez que a palavra do sujeito marca uma relação viva e tensa de interação com palavra do outro, percebe-se que a orientação dialógica é marcada por um complexo de forças sociais, cujas vozes estabelecem relações de índices de valor. De acordo com Faraco (2009), para haver relações dialógicas, é necessário que qualquer material linguístico entre na esfera discursiva, transforme-se em enunciado e tenha fixado a posição de um sujeito social. Isso significa que a palavra do sujeito estabelece relações de sentido com a palavra do outro, gerando significações responsivas através do encontro de posições avaliativas. Ratificando isso, Bakhtin explica que “a língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181), de modo que “a palavra é um fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2009, p. 36).

Partindo de uma análise superficial da construção do discurso, observa-se que há a possibilidade de organização em termos dialógicos ou monológicos. Consoante Sobral (2009), o discurso dialógico marca a presença das vozes que o constituem. Já o discurso monológico destaca somente a voz do locutor no projeto enunciativo, embora continue a ser dirigido a alguém. Todavia, cabe salientar que tais distinções “só são possíveis, naturalmente, em termos teóricos, mas não concretamente verificáveis _ não há na prática discursos monológicos e/ou dialógicos ‘puros’” (SOBRAL, 2009, p. 38, grifo do autor). O enunciado monológico serviu como ponto de partida dos estudos filológicos, a partir do qual a linguística elaborou seus métodos e categorias. Tais estudos limitaram-se ao plano da língua, desconsiderando seu aspecto social.

Após tais considerações, entende-se que a perspectiva enunciativa dialógica da linguagem considera que o enunciado é sempre dialógico, entendendo que a “compreensão da sua própria língua não é direcionada para o reconhecimento dos elementos idênticos da fala, mas para a compreensão da sua nova significação contextual” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 192). Tal compreensão dá-se no contexto, na relação discursiva entre os falantes, cujo processo será tratado na seção a seguir.

3 | A INTERSUBJETIVIDADE DISCURSIVA

Os estudos linguísticos do século XX, como os de Wilhelm Humboldt e de Vossler, desconsideravam a função comunicativa da linguagem, sendo esta apenas uma criação

espiritual do indivíduo. Nesse período, enfatizava-se a função expressiva da linguagem, uma vez que, para tais estudiosos,

linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de um falante sem a relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante. O enunciado satisfaz ao seu objeto (isto é, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador (BAKHTIN, 2016, p. 23-24).

A visão de ato discursivo como ato puramente individual, resultante das condições da vida psicoindividual do falante, marcou a tendência filosófica denominada Subjetivismo Individualista. Através da teoria dialógica, Bakhtin e o Círculo criticaram essa tendência ao dizer que o enunciado não pode ser reconhecido como um fenômeno individual nem pode ser definido pelas condições psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante, todavia como um ato que se realiza na intersubjetividade. Isso significa dizer que o discurso se constitui na interação entre subjetividades, na interação verbal que ocorre em situações concretas de uso da língua. A subjetividade “é entendida ao mesmo tempo em termos psíquicos, sociais e históricos, em vez de puramente psicológicos” (SOBRAL, 2009, p. 32). Nesse contexto, pode-se afirmar que “o enunciado é de natureza social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 200).

Um primeiro aspecto a ser destacado quanto ao caráter social do enunciado é o movimento interior (psíquico) e exterior (social) que envolve o processo de sua produção. Mesmo que todo o ato de objetivação consista em um movimento de dentro para fora, o interior (a consciência individual do sujeito) muda de aspecto ao se tornar exterior, já que se obriga a dominar o material exterior (encarnação signica) que possui leis próprias, alheias ao interior. Nesse processo, aquilo que é vivido e expresso muda de aspecto e é forçado a buscar um meio-termo. Assim,

o centro organizador e formador não se encontra dentro (isto é, no material dos signos interiores), e sim no exterior. Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão que organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo a sua direção (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Nesse viés, torna-se claro que a realização da palavra não é um ato de criação individual do sujeito, porém a palavra como signo é tomada pelo falante como empréstimo dos signos disponíveis da reserva social.

E o outro aspecto refere-se à essência bilateral da palavra, delineando seu caráter intersubjetivo. A maior parte da palavra é de propriedade do falante, tendo em vista que o ato fisiológico da realização sonora da palavra é de sua autoria. Contudo, a palavra constitui-se como enunciado na interação entre dois indivíduos socialmente organizados, na medida em que

ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-*

relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao 'um' em relação ao 'outro'. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade [...] A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205, grifo do autor).

Ratificando isso, Sobral (2009) diz que essa interação começa pelo próprio discurso interior do falante, e que nunca cessa, já que este responde a discursos de antepassados e antecipa respostas de gerações futuras. Esse jogo de respostas e perguntas é o que Bakhtin define como *sentido*. Consoante Sobral, “só faz sentido para o ser humano aquilo que responde a ‘alguma coisa’, ainda que essa ‘coisa’, ou a ‘resposta’ dela, seja o silêncio, que também é uma enunciação” (SOBRAL, 2009, p. 41, grifo do autor). Assim, a resposta não precisa partir de uma pergunta concreta, pois se trata de uma resposta no sentido de réplica a outros discursos.

Considerando a importância tanto do locutor quanto do interlocutor no processo de construção do sentido do discurso, é mister a definição sobre o interlocutor. Na perspectiva bakhtiniana, interlocutor é um integrante do mesmo grupo social que o locutor, ou até mesmo pode ser entendido como o próprio grupo social. Na ausência de um interlocutor real, o locutor pressupõe um *auditório social*, a partir do qual se constituem seus argumentos e valorações. Acerca disso, Sobral destaca que

antes mesmo de falar, o locutor altera, ‘modula’, sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a ‘imagem presumida’ que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos, do grupo a que se dirige” (SOBRAL, 2009, p. 39, grifo do autor).

O interlocutor, no instante que em percebe e compreende o significado do discurso do ponto de vista linguístico, assume uma posição responsiva em relação a ele. Em *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2010), Ponzio menciona que a atitude responsiva refere-se a uma conexão entre compreensão e escuta; uma escuta que fala e responde, mesmo que não seja de forma direta e imediata, fazendo com que o ouvinte se torne falante. Dessa forma, pode ser reconhecido que “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Partindo do exposto, percebe-se que o discurso é constituído por meio da intersubjetividade, mesmo que os interlocutores sejam representados por um único sujeito. Na visão enunciativa bakhtiniana, a concepção de discurso individual é uma impossibilidade, isso porque o que importa não é o diálogo em si, mas os jogos de poder que se estabelecem entre as vozes sociais que atuam nele, condicionando a forma e as significações do que é dito nessa interação.

4 | LEITURA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA?

Sob a visão do senso comum, o sentido de leitura indica certo distanciamento da concepção de interação discursiva proposta pelo Círculo de Bakhtin. Provavelmente, isso se deve ao ensino de leitura desenvolvido na escola que, por muito tempo, associou o ato de ler a uma habilidade centrada na apreensão ou na decodificação do sistema linguístico. Conforme Marcuschi (2008), esse sistema de ensino tinha como base os modelos teóricos que defendem a ideia de que compreender é decodificar.

Essa perspectiva teórica de compreensão define a língua como “veículo ou instrumento de construção do sentido” (MARCUSCHI, 2008, p. 238), envolvendo um sujeito isolado no processo. Considerando o código e a forma linguística como objeto de análise, tal perspectiva enfatiza

a função informacional e ao autor/falante compete a tarefa de pôr as ideias no papel ou nas palavras, já que a língua teria a propriedade de significar com alto grau de autonomia. Os textos seriam portadores de significações e conteúdos objetivos por eles transportados e nós, como leitores ou ouvintes, teríamos a missão de apreender esses sentidos ali objetivamente instalados (MARCUSCHI, 2008, p. 238).

Atualmente, observa-se uma mudança na orientação do ensino da leitura, partindo do princípio de que ler é compreender. Isso faz com que o texto escrito passe a ser reconhecido como um evento comunicativo que se desenvolve no processo de interação, em uma situacionalidade, e não apenas como um produto. Sobre isso, Marcuschi (2008) define que ler é um ato de produção de sentidos colaborativa, de modo que, para compreender bem um texto, “tem-se que sair dele, pois um texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido” (MARCUSCHI, 2008, p. 233). Nesse contexto, percebe-se que esta orientação de ensino da leitura ultrapassa o nível das palavras e das orações, os quais representam as unidades da língua, propondo o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva.

Para o Círculo de Bakhtin, texto e discurso assumem o mesmo sentido, de modo que escrever/ler é uma forma de interação discursiva tanto quanto falar/ouvir. Assim, o texto escrito, como o oral, é constituído por duas partes: o *dado* e o *criado*. O *dado* corresponde a tudo o que é reiterável no discurso, compreendendo o plano da frase e da oração; e o *criado* representa a parte da autoria, única e singular onde reside o sentido do texto, que é o plano do enunciado. A esse respeito, Bakhtin explica que o texto “sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos”, correspondendo “a complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado (que interroga, faz objeções. etc.)” (BAKHTIN, 2016, p. 76, grifo do autor).

Em outras palavras, pode-se dizer que uma parte do texto corresponde ao sistema de signos, caracterizada pela linguagem do autor, do gênero, etc, e a outra parte corresponde ao acontecimento singular do texto, que “é aquilo que nele tem relação com a verdade,

com a bondade, com a beleza, com a história” (BAKHTIN, 2016, p. 74), que está vinculada a outros textos únicos, através das relações dialógicas. Logo, é possível reconhecer que, por mais que não haja a marca explícita das falas dos sujeitos em um texto escrito, ainda assim existe um diálogo.

Como exemplo disso, em um monólogo, “quando diz a si mesmo sobre alguma coisa ‘não é tão ruim assim’, aquele que o diz está respondendo a um enunciado ‘não-dito’: ‘é ruim’, ‘é bem ruim’ etc.” (SOBRAL, 2009, p. 37, grifo do autor). Portanto,

todo discurso está voltado para uma *resposta* e não pode evitar a *influência profunda do discurso responsivo antecipável*. [...] Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo. Todas as formas retóricas, monológicas estão, por sua construção composicional, direcionadas para o ouvinte e sua resposta (BAKHTIN, 2015, p. 52-53, grifo do autor).

Tal afirmação corrobora com a ideia de que a leitura é uma forma de interação discursiva, tendo em vista a relação dialógica estabelecida entre o locutor/escritor com o possível interlocutor/leitor. A interação escritor-leitor é fundamental para a construção do texto escrito, já que o escritor mobiliza a sua fala com base nas previsões de resposta do leitor projetado por ele. Portanto, o sentido do texto é construído por meio da colaboração do leitor no ato da leitura.

Buscando entender o modo como se concretiza a compreensão ativa do leitor, parece interessante analisar seu movimento no plano linguístico-semântico do texto. De acordo com Eco,

o texto é uma ‘potencialidade significativa’ que se atualiza no ato da leitura, levado a efeito por um leitor instituído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo representado a partir das indicações, pistas linguísticas que lhe são fornecidas. [...] Em graus diferentes de complexidade, um texto é sempre lacunar, reticente. Apresenta ‘vazios _ implícitos, pressupostos, subentendidos _ que se constituem em espaços disponíveis para a entrada do outro, isto é, em espaços disponíveis a serem preenchidos pelo leitor (ECO apud BRANDÃO, in BRAIT, 2005, p. 271, grifo do autor).

No plano enunciativo-dialógico, os “vazios” do texto esperam ser preenchidos pela ativa posição responsiva do leitor/interlocutor, cuja compreensão vai além dos limites da língua, já que “o elemento lógico-objetal da palavra torna-se o palco do encontro de interlocutores, a arena da formação dos pontos de vista e apreciações” (BAKHTIN, 2016, p. 123). Logo, o leitor/ouvinte, ao compreender o significado do texto/discurso

ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-o para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Diante do contexto, pode-se reconhecer que a compreensão passiva do significado do discurso é somente um momento de abstração da compreensão responsiva ativa real. Esta, por sua vez, é atualizada na resposta subsequente, cuja forma pode se dar em voz alta, por uma ação ou através de efeito retardado. O efeito retardado corresponde ao discurso que servirá de resposta a outros discursos ou ao comportamento do ouvinte.

Sendo assim, é possível afirmar que a leitura é uma forma de interação discursiva. Isso porque, o texto escrito é formado por enunciados, ou seja, é discurso, o que torna a relação escritor-texto-leitor um processo de interação verbal. Nesse sentido, ler, assim como falar, é um ato concreto e único de interação dialógica.

5 | CONCLUSÃO

Este artigo propôs uma reflexão sobre a concepção de leitura a partir dos estudos enunciativos de Bakhtin e seu Círculo, com o intuito de demonstrar que a interação discursiva também se dá através da comunicação escrita. Seja qual for o modo de uso da língua, oral ou escrito, a interação verbal é mobilizada por relações dialógicas. Isso pois o discurso não é uma produção individual do sujeito, atribuído somente a sua capacidade criativa, mas constituído por vozes socioideológicas, remetendo a discursos já ditos e antecipando discursos futuros. Trata-se de um diálogo constante, um jogo de perguntas e respostas que compõe um elo na ininterrupta cadeia discursiva sociocultural.

A ideia de discurso monológico foi, por muito tempo, a base do ensino de leitura nas escolas, de forma que a visão refratada do leitor passivo ficou arraigada socialmente. Nessa perspectiva, ler representava uma atividade de decodificação de signos linguísticos, limitando o sentido do texto ao plano da frase e da oração. Hoje, percebe-se certa orientação de ensino voltada para o discurso, reconhecendo que o texto escrito é uma das formas de interação verbal, formado não só por elementos linguísticos, mas também por enunciados. Assim, a leitura passa a ser definida como um ato de interação discursiva, no sentido de que ler é compreender, e essa compreensão gera uma resposta.

Diante do contexto, é notável a contribuição dos estudos bakhtinianos para o entendimento de que ler não é um mero exercício, mas um ato único e concreto de uso da língua, reiterando, portanto, a concepção dialógica de leitura como forma de interação discursiva. Tal entendimento também influenciou na concepção de leitura no âmbito escolar, trazendo uma renovação nos métodos de ensino. Nesse sentido, entende-se que a compreensão de um texto fundada somente nos limites da língua como sistema é uma impossibilidade, já que o sentido é constituído na intersubjetividade, envolvendo responsividade e valoração.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. – São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Os gêneros discursivos**. São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição).

_____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Escrita, leitura, dialogicidade**. In.: BRAIT, Beth. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. 2ª Ed. _ Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª Edição).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem de crianças 227

Aquisição 4, 28, 30, 40, 111, 119, 120, 121, 125, 131, 211, 214, 216, 218, 222, 223, 227

Artes 2, 3, 7, 134, 135

C

Currículo 5, 141, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 182, 184, 186, 211, 215

D

Direitos linguísticos 96

E

Encenação discursiva 4, 14, 15, 27

Ensino 3, 4, 5, 6, 4, 9, 10, 12, 13, 60, 80, 119, 120, 121, 122, 124, 129, 132, 151, 153, 155, 163, 165, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 230

Ensino de Espanhol 6, 197, 202, 207, 211, 212, 215

Ensino híbrido 4, 6, 10, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 146, 147, 150, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Enunciação 15

F

Formação de professores 5, 9, 164, 165, 166, 185, 186, 209, 230

G

Gramática 4, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 64, 81, 93, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 133, 184, 210

H

Historiografia 4, 1, 7, 8, 9, 10, 11, 13

I

Intersubjetividade 5, 147, 148, 149, 150, 153, 155, 157, 162

L

Leitura 3, 5, 10, 13, 40, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 170, 171, 175, 184, 209, 224, 225, 226, 230

Letras 2, 3, 7, 9, 11, 14, 63, 66, 70, 82, 86, 107, 117, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 195, 210, 211, 213, 214, 228, 230

Linguagem 4, 1, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 39, 40, 41, 44, 49, 51, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 111, 112, 114, 117, 121, 122, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 162, 179, 186, 188, 197, 199, 202, 203, 204, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 228, 230

Língua portuguesa 5, 10, 41, 58, 65, 117, 119, 129, 132, 133, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 186, 210, 215, 216, 217, 230

Linguística 2, 3, 4, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 27, 28, 30, 41, 43, 46, 47, 57, 58, 59, 63, 81, 82, 85, 95, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 145, 148, 151, 185, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 230

M

Minorias 96, 230

Multiculturalismo 5, 174, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186

Multimodalidade textual 4, 60, 74, 80

P

Pensamento humano 2, 3

Perspectiva dialógica 5, 145

Polidez linguística 4, 41, 43, 46, 58, 59

Preposição 5, 119, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 205

S

Síndrome de down 6, 39, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228

Sociolinguística 2, 10, 11, 80, 82, 84, 86, 95, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 122

V

Varição linguística 10, 82, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 117

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2

